



MINIMANUAL DO JORNALISMO HUMANIZADO

Parte V:
LGBT*

Minimanual do Jornalismo Humanizado
Parte V: LGBT*

30 de junho de 2017
thinkolga.com

A THINK OLGA LANÇA MANUAL ONLINE,
EM FORMATO POCKET, COM CONJUNTO
DE REGRAS BÁSICAS PARA EVITAR ERROS
CLÁSSICOS NA ABORDAGEM DE NOTÍCIAS
RELACIONADAS A GRUPOS MINORIZADOS.

DIVIDIDO EM CINCO PARTES, O MINIMANUAL
DE JORNALISMO HUMANIZADO TRAZ
EXEMPLOS PRÁTICOS E DIRETOS PARA
JORNALISTAS E VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO
QUE DESEJAM ELIMINAR PRECONCEITOS
E VISÕES LIMITADAS DA SOCIEDADE DO
CONTEÚDO EDITORIAL QUE PRODUZEM.

ESTA QUINTA PARTE É SOBRE CIDADANIA
DE PESSOAS LGBT* E É ESCRITO
PELA JORNALISTA NANA SOARES.

INTRODUÇÃO

Você já sabe o que a sigla LGBT significa? É uma abreviação para lésbicas, gays, bissexuais e travestis, transgêneros e transexuais (que são abarcados pela denominação genérica trans*), e começou a ser usada por membros dessas comunidades em um contexto de luta por direitos e cidadania.

As pessoas que são contempladas por essa sigla têm algo em comum: sofrem discriminação e preconceito das mais diversas formas em função de suas identidades de gênero ou sexualidade (ver “Primeiros conceitos” nas próximas páginas). Por isso, nossa união se fez necessária para reagir, lutar por nossos direitos e ter uma vida digna.

Mas que preconceitos e discriminações são essas? Elas vão desde o bullying (que faz muitos LGBT* abandonarem os estudos e ficarem à margem da sociedade), passando por discriminação no mercado de trabalho (onde empregadores

nos recusam por conta da identidade LGBT* ou sofremos desrespeito e isolamento dos colegas), negação de direitos civis (como o casamento e a adoção de crianças), culminando em agressões físicas e morte. Com a cidadania negada em tantas esferas, a população LGBT* é mais vulnerável e é executada todos os dias pelo simples fato de existir. No Brasil, a expectativa de vida de travestis e transexuais é de apenas 35 anos – para comparação, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) calcula que a expectativa de vida do brasileiro é, em média, de 75 anos. Segundo dados da ONG Transrespect, nosso país, sozinho, registrou 38% dos assassinatos dessa população que ocorreram em todo mundo entre janeiro de 2008 e junho de 2016. O Grupo Gay da Bahia (GGB), que há anos faz o levantamento de mortes LGBT* baseada em casos noticiados pela imprensa, reportou o recorde de

347 pessoas mortas em 2016 só por fazerem parte dessa sigla.

E esses números não indicam que vão diminuir, já que a cruzada contra os direitos LGBT* está cada vez mais forte. As bancadas fundamentalistas do Congresso ganham mais e mais poder e barram avanços como o casamento homoafetivo e a criminalização da homofobia e da transfobia. A possibilidade de ensinar o respeito à população LGBT nas escolas também vem sendo destruída: primeiro com o banimento do kit anti-homofobia a ser trabalhado com professores da rede pública (e que foi deturpado de sentido pela imprensa e pejorativamente chamado de “kit gay”) e, de forma ainda mais declarada, com os projetos de Escola Sem Partido, que impedem o debate e a reflexão sobre temas como gênero e diversidade sexual. Nosso último Plano Nacional de Educação (PNE) também suprimiu esses termos como temas a serem trabalhados.

A comunicação e, em particular a imprensa, tem grande responsabilidade nisso, já que em regra endossa estereótipos, comportamentos preconceituosos e termos pejorativos, o que permite que esses conceitos se perpetuem e a opressão não se dissipe, continuando a violentar uma parcela expressiva da sociedade. Mas se a comunicação pode perpetuar discriminações, também pode combatê-las, tratando as pessoas com o respeito, a empatia e a dignidade que merecem. Quando desrespeitamos as pessoas LGBT*, seja endossando estereótipos ou as desumanizando, somos cúmplices da violência que as atinge todos os dias.

De modo a poder dar uma cobertura digna à população LGBT*, vamos esmiuçar como ela é tratada hoje pelos veículos de comunicação, dando dicas e avaliando erros e acertos. Ao final, há materiais de consulta e um glossário sobre o tema.

1 PRIMEIROS CONCEITOS

Para começar a falar sobre a temática LGBT* e mudar a forma como são representados na imprensa, é necessário ter alguns conceitos em mente. Orientação sexual e identidade de gênero são os mais importantes deles.

- **O que é orientação sexual?**

A orientação sexual contempla o L, o G e o B da sigla, referindo-se a qual ou quais gêneros uma pessoa se atrai. Gays e lésbicas têm orientação homossexual, isto é, atraem-se pelo mesmo gênero que o seu. Quem se atrai por pessoas de ambos os gêneros é bissexual. O termo “opção sexual” já caiu em desuso, sendo substituído por “orientação sexual”, por não se tratar de uma escolha. Além disso, o termo “opção” culpabilizava as pessoas por suas sexualidades, quando na verdade não há nada de errado com elas.

- **O que é identidade de gênero?**

Já a identidade de gênero define com qual gênero (feminino, masculino ou não-binário) uma pessoa se identifica, independentemente de sua genitália e de como ela foi classificada ao nascer (homem ou mulher). Quando a pessoa se identifica com o mesmo gênero que foi designada na infância, diz-se que sua identidade de gênero é cissexual (exemplo: Reynaldo Gianechinni, Suzana Vieira). Quando é diferente, dizemos que a pessoa é transexual (exemplos: Roberta Close, Lea T., Tammy Gretchen, Laerte). São as travestis, transexuais e transgêneros. O T* da sigla.

É essencial notar que orientação sexual e identidade de gênero são conceitos independentes, e uma pessoa pode ser transexual e hétero, assim como cissexual e lésbica e por aí vai. Um conceito diz respeito a você e o outro a por quem você se atrai.

Parada LGBT*: sobre a pluralidade da sigla - e o perigo de endossar estereótipos nocivos

A Parada LGBT* de São Paulo é uma das maiores do mundo, reunindo milhões de pessoas, trios elétricos, música e artistas. É um evento plural por definição, daí sua importância e grandeza, e é natural que receba grande cobertura da imprensa. Mas não podemos esquecer que a Parada, que já existe há duas décadas, busca representatividade para uma enorme parcela da população cujos direitos são ignorados sistematicamente. E isso precisa estar apresentado na forma como falamos sobre ela.

Por mais divertido que seja fazer parte de uma Parada, em qualquer parte do mundo, elas não são uma festa; são uma forma de luta, reivindicação do espaço público e conscientização das pautas LGBT*. Sendo assim, é preciso tomar bastante cuidado ao noticiá-las. Existem uma série de estereótipos nocivos que podem ser evitados, como veremos nas manchetes a seguir.

1 PRIMEIROS CONCEITOS

'Eu sou bissexual!' é o novo lema da parada gay de Madri

[HTTPS://NOTICIAS.UOL.COM.BR/ULTIMAS-NOTICIAS/AFP/2016/07/02/EU-SOU-BISSEXUAL-E-O-NOVO-LEMA-DA-PARADA-GAY-DE-MADRI.HTM](https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2016/07/02/eu-sou-bissexual-e-o-novo-lema-da-parada-gay-de-madri.htm)

Ainda é comum que as Paradas do Orgulho LGBT sejam chamadas de “Parada Gay”, mas é errado. As Paradas são LGBT* e precisam ser entendidas como atos políticos de reivindicação de direitos e de manifestação do orgulho da identidade LGBT. A sigla se refere a um grande grupo de pessoas com lutas diferentes; não é correto unificá-las como “gays”.

Animação, pegação e visual ousado marcam Parada Gay em SP

[HTTPS://TVUOL.UOL.COM.BR/VIDEO/ANIMACAO-PEGACAO-E-VISUAL-OUSADO-MARCAM-PARADA-GAY-EM-SP-04024E983772D0C12326](https://tvuol.uol.com.br/video/animacao-pegacao-e-visual-ousado-marcam-parada-gay-em-sp-04024E983772D0C12326)

Matérias como esta retratam as Paradas de maneira errônea, deslocando o foco para atos afetivos/sexuais de maneira exagerada. “Pegação” e “visual ousado” carregam juízo de valor sobre a população LGBT*; não use.

'Pelados' horrorizam cidadãos durante Parada Gay

[HTTP://WWW.PRIMEIRAHORA.COM.BR/NOTICIA/460977/%27PELADOS%27-HORRORIZAM-CIDAAOS-DURANTE-PARADA-GAY](http://www.primeirahora.com.br/noticia/460977/%27pelados%27-horrorizam-cidadaos-durante-parada-gay)

Repare o contraponto que a manchete faz entre uma parcela do público da Parada e os “cidadãos horrorizados”. Os presentes não são cidadãos? Esse tipo de título é um desserviço aos LGBT* em muitos níveis, porque endossa estereótipos nocivos à comunidade.

Com isso mais claro, vamos agora nos aprofundar nas pautas e reivindicações de cada letra da sigla LGBT*.

2 SER LÉSBICA EM UM MUNDO MACHISTA E HOMOFÓBICO

A primeira letra da sigla não está lá por acaso: de tão invisibilizadas no meio LGBT, as lésbicas reivindicaram que a letra L mudasse de lugar (na primeira versão da sigla, o “L” ocupava a segunda posição) e abrisse a abreviação, deixando-a como conhecemos hoje. Isso foi uma tentativa de luta por visibilidade da comunidade lésbica, um pequeno exemplo mas que simboliza muitas das questões enfrentadas por essas mulheres. Num mundo machista, as reações à homossexualidade masculina e feminina são extremamente diferentes, e conseqüentemente suas pautas também.

Além do risco constante de agressão, as lésbicas enfrentam outros percalços: são fetichizadas, hipersexualizadas, estereotipadas e estupradas.

Como todas as mulheres, são vistas como objetos desprovidos de desejo próprio e à mercê do prazer masculino, como se seu relacionamento tivesse que agradar os homens. São comuns as intervenções não solicitadas de homens, além do assédio sexual e tentativas de estupro, consumadas ou não, com a ideia primitiva de “apresentar” um homem a elas e mudar sua orientação. O intuito real é a violência, constrangimento e humilhação de mulheres que não são heterossexuais.

As mulheres lésbicas têm seu desejo independente dos homens e isso incomoda muito em um sistema machista. Portanto, a fetichização do relacionamento lésbico não deve nunca ser confundida com aceitação, uma vez que esta também é uma manifestação de violência.

As lésbicas que não se encaixam no olhar masculino e, principalmente, nos padrões de feminilidade, são rapidamente estereotipadas de forma negativa, sendo consideradas “menos mulheres” ou “mais masculinizadas” do que as outras. Tenha em mente que a maneira que cada mulher se veste e performa a sua feminilidade diz respeito somente a ela - e não a torna mais ou menos do que ninguém. Tudo isso independe de sua orientação sexual. O conceito de masculino e feminino são construções sociais (veja mais no conceito de “Gênero” em nosso glossário).

A violência contra as mulheres lésbicas e bissexuais é tanta que chega aos chamados “estupros corretivos”, isto é, violência sexual com objetivo

de “corrigir” a sexualidade de uma mulher. Quando houver estes casos, deixe claro que nenhuma sexualidade precisa ser corrigida.

A violência praticada contra pessoas LGBT* é, infelizmente, comum - e não raramente ela se manifesta também na cobertura midiática desses ocorridos. São muitos os elementos discursivos que, além de desumanizarem a pessoa agredida - muitas vezes vítima fatal da violência - acabam estimulando agressões similares. É necessário ter empatia com as vítimas LGBT* e não esconder a motivação lesbofóbica ou transfóbica do crime. Uma ótima ferramenta para jornalistas é o [dossiê Violência contra as Mulheres, do Instituto Patrícia Galvão](#). Há uma seção específica para a violência sofrida por mulheres lésbicas, bi e trans*.

2 SER LÉSBICA EM UM MUNDO MACHISTA E HOMOFÓBICO

Jovem é estuprada para "aprender a ser mulher"

[HTTP://SPRESSOSP.COM.BR/2014/10/06/JOVEM-E-ESTUPRADA-PARA-APRENDER-SER-MULHER/](http://SPRESSOSP.COM.BR/2014/10/06/JOVEM-E-ESTUPRADA-PARA-APRENDER-SER-MULHER/)

Erro: A reportagem é equivocada porque coloca no título a justificativa declarada do agressor, e não é isso que a matéria deve enfatizar. A empatia é com a vítima! A jovem foi estuprada porque irritou um sistema machista e heteronormativo; ela já é mulher, não precisa aprender a ser. LGBT* não precisa de correção e sim de acolhimento. Importante: Estupro "corretivo" deve ser usado entre aspas pois NÃO há o que corrigir.

Fernanda Gentil fala da namorada: 'Futebol é assunto em comum'

[HTTP://VEJA.ABRIL.COM.BR/BLOG/VEJA-GENTE/FERNANDA-GENTIL-FALA-DA-NAMORADA-FUTEBOL-E-ASSUNTO-EM-COMUM/](http://VEJA.ABRIL.COM.BR/BLOG/VEJA-GENTE/FERNANDA-GENTIL-FALA-DA-NAMORADA-FUTEBOL-E-ASSUNTO-EM-COMUM/)

Essa entrevista tem pontos fortes e fracos: acerta ao tratar o namoro de Fernanda Gentil como só mais um aspecto de sua vida, de maneira não sensacionalista. É sempre bom entrevistar pessoas LGBT* para assuntos não específicos do universo LGBT*, como compra de imóveis, saúde e trabalho, já que há muito mais experiências em comum do que divergentes. Não há porque não entrevistar LGBTs*. Mas é sempre importante se perguntar se o foco/manchete seria o mesmo em caso de relacionamento heterossexual. Falaríamos da namorada caso fosse um namorado? No caso de Fernanda Gentil, que é famosa, talvez, mas atenção para isso (para anônimas e famosas!).

2 SER LÉSBICA EM UM MUNDO MACHISTA E HOMOFÓBICO

Mulher é agredida por estar com namorada na rua; agressor foi preso

[HTTPS://WWW.CAMPOGRANDENEWS.COM.BR/CIDADES/INTERIOR/MULHER-E-AGREDIDA-POR-ESTAR-COM-NAMORADA-NA-RUA-AGRESSOR-FOI-PRESO](https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/mulher-e-agredida-por-estar-com-namorada-na-rua-agressor-foi-preso)

“Estupro corretivo” vitimiza lésbicas e desafia autoridades no Brasil

[HTTP://WWW.SUL21.COM.BR/JORNAL/ESTUPRO-CORRETIVO-VITIMIZA-LESBICAS-E-DESAFIA-AUTORIDADES-NO-BRASIL/](http://www.sul21.com.br/jornal/estupro-corretivo-vitimiza-lesbicas-e-desafia-autoridades-no-brasil/)

Um grande acerto dessas manchetes é evidenciar as motivações do crime, apontar responsáveis e empatizar com vítimas. Note o uso das aspas na segunda manchete: estão lá porque sexualidade nenhuma deve ser “corrigida”, e a reportagem endossa isso.

Fernanda Gentil é chamada de ‘sapatão’ por internauta

[HTTPS://WWW.TERRA.COM.BR/DIVERSAO/GENTE/PUREPEOPLE/FERNANDA-GENTIL-E-CHAMADA-DE-SAPATAO-POR-INTERNAUTA-E-IRONIZA-OI-FALA-3FD3445388B62B543BE9F3B75DC5BC5AB86UW06G.HTML](https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/fernanda-gentil-e-chamada-de-sapatao-por-internauta-e-ironiza-oi-fala-3fd3445388b62b543be9f3b75dc5bc5ab86uw06g.html)

Em geral, não use expressões como “sapatão”, “bicha”, “traveco” e afins, que são extremamente pejorativas fora do universo LGBT*. Nesse caso, a manchete reproduziu as palavras de um internauta, mas sem qualquer crítica, o que acaba perpetuando o sentido que esse termo carrega.

3 “GAY” NÃO ENGLOBA A TODOS

O termo “gays” ainda é usado, no senso comum, para denominar qualquer pessoa LGBT*, mas na verdade refere-se apenas aos homens homossexuais. Para as mulheres lésbicas, é importantíssima a denominação “lésbica” por trazer suas particularidades e, acima de tudo, pela visibilização das mulheres em um mundo dominado pelos homens, mesmo no meio LGBT. A vivência do homem gay é diferente da experiência lésbica.

Nós somos um projeto de viés feminista e os homens gays têm toda nossa solidariedade e empatia. No entanto, vamos nos ater aos outros grupos da sigla LGBT*, ainda mais marginalizados e mais próximos do nosso lugar de fala. Os sites de referência disponibilizados ao fim do manual têm um bom material sobre cidadania dos homens gays e a violência homofóbica por eles sofrida, que não deve jamais ser ignorada.

4 BISSEXUAIS EXISTEM

As mulheres e homens bissexuais, para terem suas pautas atendidas, precisam antes de tudo ser levados a sério, já que a bissexualidade é uma identidade desacreditada tanto pelo mundo heteronormativo quanto pelo meio LGBT*, o que tem consequências diárias em nossas vidas.

Têm a identidade desrespeitada repetidamente, como se fossem menos dignos de confiança. Os estereótipos são de pessoas “confusas”, que estão passando por uma “fase”, considerados homossexuais que não têm coragem de se assumir. No meio LGBT*, são entendidos como “menos” LGBT* que os outros grupos e mais “promíscuos”, como se fôssemos propensos à traição e até “vetores de doenças sexualmente transmissíveis” (sim, há quem realmente diga isso). São estereótipos muito agressivos. Ser bissexual não tem nada a ver com ter vários

parceiros ou com falhas de caráter, sendo todas essas características que independem de orientação sexual para acontecer.

A bissexualidade é apenas uma orientação sexual em que há atração por ambos os gêneros, não necessariamente ao mesmo tempo e não necessariamente a mesma atração por cada gênero. Não há uma “régua” de bissexualidade.

O gênero do/da parceiro/parceira não muda a orientação sexual de ninguém. Uma mulher bissexual continua bissexual independentemente de namorar um homem ou uma mulher. Quando uma pessoa bissexual está em um relacionamento heterossexual, ela continua fazendo parte da sigla LGBT*, só que possui outras vivências e passa por tipos diferentes de discriminações do que uma pessoa em um relacionamento homossexual. E em nenhum

dos dois casos o relacionamento, o afeto e a atração são menos legítimos ou verdadeiros.

No mesmo raciocínio, quando vemos pessoas do mesmo gênero unidas, já assumimos que tratam-se de gays/lésbicas, o que nem sempre é verdade. Embora o relacionamento seja homossexual, as pessoas envolvidas podem ter orientação bissexual. Isso é importante de ser lembrado porque, assim como as lésbicas, as/os bissexuais são invisibilizadas (os), ignoradas (os). E esse descaso é uma violência repetida contra homens e mulheres bissexuais.

E isso tem consequências: segundo [pesquisa publicada em 2015](#) no Reino Unido, as mulheres bissexuais estão mais propensas a problemas de saúde mental do que as lésbicas. Isso ocorre justamente por encontrarem uma rede de apoio menor e por sofrerem bifobia, a violência contra pessoas

bissexuais, tanto da sociedade em geral quanto dos LGBT*. As consultas com ginecologistas e políticas de saúde para mulheres também ignoram, em geral, a bissexualidade, partindo do princípio que só é possível se relacionar com um gênero.

É importante notar que homens e mulheres bissexuais também passam por experiências diferentes. Aos homens, socialmente, não é permitida nenhuma experiência não-heterossexual, sendo eles imediatamente taxados de gays. Quando se assumem bissexuais, são tidos como mentirosos ou então como homossexuais que não têm coragem de assumir sua identidade por completo. Já as mulheres, assim como as lésbicas, sofrem com a fetichização e com os estupros “corretivos”, com todas as consequências de ter uma sexualidade que não depende dos homens em um mundo machista, heterossexual e patriarcal.

4 BISSEXUAIS EXISTEM

Lady Gaga, bissexual assumida, sobre namorar mulheres: 'Realmente gosto disso'

[HTTP://WWW.PUREPEOPLE.COM.BR/NOTICIA/LADY-GAGA-BISSEXUAL-ASSUMIDA-SOBRE-NAMORAR-MULHERES-REALMENTE-GOSTO-DISSO_A994871](http://www.purepeople.com.br/noticia/lady-gaga-bissexual-assumida-sobre-namorar-mulheres-realmente-gosto-disso_A994871)

A cantora Lady Gaga é um caso clássico de invisibilização da bissexualidade. Tida como “aliada” LGBT*, ela já afirmou várias vezes sua orientação bissexual, mas continua sendo questionada, como se precisasse confirmar periodicamente. Não há porque fazer isso se a própria já disse ser bissexual. Não perpetue o problema já muito enraizado da invisibilização da identidade bissexual.

Os famosos que se admitiram bissexuais

[HTTP://BR.EONLINE.COM/ENEWS/OS-FAMOSOS-QUE-SE-ADMITIRAM-BISSEXUAIS/](http://br.eonline.com/eneWS/os-famosos-que-se-admitiram-bissexuais/)

Essa matéria é problemática por dois aspectos: “admitir” algo implica culpa, e bissexualidade não é crime para alguém ser culpado. Fora isso, a matéria usa o termo “bissexualismo”, que é inadequado. O correto é bissexualidade.

Vítima de homofobia, Bruna Linzmeyer fala sobre bissexualidade

[HTTP://WWW.PORTALDOHOLANDA.COM.BR/BISSEXUAL/VITIMA-DE-HOMOFOBIA-BRUNA-LINZMEYER-FALA-SOBRE-BISSEXUALIDADE](http://www.portaldoholanda.com.br/bissexual/vitima-de-homofobia-bruna-linzmeier-fala-sobre-bissexualidade)

Nesse caso, seria mais adequado falar que Bruna foi vítima de lesbofobia, já que recebeu ofensas por se relacionar com uma mulher. Se houver também ofensas, violência e desrespeito por causa de sua bissexualidade, a violência é a bifobia.

Pai tenta estupro corretivo em filha bissexual de 14 anos

[HTTP://REVISTALADOA.COM.BR/2016/01/NOTICIAS/PAI-TENTA-ESTUPRO-CORRETIVO-EM-FILHA-BISSEXUAL-14-ANOS](http://revistaladoa.com.br/2016/01/noticias/pai-tenta-estupro-corretivo-em-filha-bissexual-14-anos)

Este é um caso de estupro corretivo, porém em nenhum momento se justifica a atitude do pai. Não tenha medo de dar nome aos bois e explicar a raiz do crime - é “estupro corretivo” e a filha é bissexual. Só faltaram as aspas na nomenclatura do crime.

4 BISSEXUAIS EXISTEM

Estudante estripada foi vítima de crime passionnal e morte tem uma trama

[HTTP://WWW.MEIONORTE.COM/BLOGS/EFREMRIBEIRO/ESTUDANTE-ESTRIPADA-FOI-VITIMA-DE-CRIME-PASSIONAL-E-MORTE-TEM-UMA-TRAMA-293047](http://www.meionorte.com/blogs/efremribeiro/estudante-estripada-foi-vitima-de-crime-passional-e-morte-tem-uma-trama-293047)

Avó de jovem que teve corpo cortado ao meio diz que família sofria ameaças

[HTTP://G1.GLOBO.COM/PI/PIAU/NOTICIA/2014/04/AVO-DE-JOVEM-QUE-TEVE-CORPO-PARTIDO-AO-MEIO-DIZ-QUE-FAMILIA-SOFRIA-AMEACAS.HTML](http://g1.globo.com/pi/PIAU/NOTICIA/2014/04/AVO-DE-JOVEM-QUE-TEVE-CORPO-PARTIDO-AO-MEIO-DIZ-QUE-FAMILIA-SOFRIA-AMEACAS.HTML)

Mulher que teve a vagina colocada na boca era drogada e o crime passionnal, diz delegado

[HTTP://MPIAUI.COM/DETALHE.PHP?N=4237&E=34](http://MPIAUI.COM/DETALHE.PHP?N=4237&E=34)

Muitas foram as violências cometidas contra Gerciane Araújo, uma mulher bissexual e barbaramente assassinada por recusar uma investida de um homem. Seu crime teve conotações bifóbicas, lesbofóbicas, racistas e, após sua morte, Gerciane foi novamente violentada pela imprensa. Referida como “estudante estripada”, “jovem que teve corpo partido” e afins, perdeu sua identidade, sua humanidade e foi tratada de maneira sensacionalista. Sabemos que a necessidade da audiência é uma preocupação constante nas redações, mas fazê-lo às custas da dignidade de outra pessoa (ao expôr fotos de corpos agredidos ou cadáveres, por exemplo) traumatiza as vítimas e suas famílias, viola todos os códigos de ética da profissão e colabora para uma cultura de agressividade.

O crime não é “passional” e sim um feminicídio (ver a 1ª parte do *Minimanual*), e as variáveis de raça e bi/lesbofobia foram totalmente apagadas da cobertura. É essencial evidenciar para fazer justiça a uma vida perdida pelo ódio. Há um capítulo no livro “*Feminicídio: #InvisibilidadeMata*” que se debruça sobre as barbaridades cometidas contra Gerciane e como a cobertura da imprensa falhou em mostrar isso.

5 A POPULAÇÃO TRANS* É, ANTES DE TUDO, UMA SOBREVIVENTE

Até agora falamos basicamente de lutas de pessoas que têm uma orientação sexual diferente da norma heteronormativa. É chegada a hora de falar de pessoas trans* (transexuais, transgêneros e travestis), homens e mulheres que enfrentam batalhas diárias por causa de sua identidade de gênero.

Transexuais são pessoas que não se identificam com o gênero definido a elas no momento em que nasceram (ver definição completa no Glossário), sendo esta uma identidade completamente independente da orientação sexual. É possível uma mulher trans ser hétero, bissexual ou lésbica, assim como as mulheres cissexuais (aquelas que se identificam com o mesmo gênero designado ao nascer).

No Brasil, se você é trans*, as perspectivas não são positivas: os manuais psiquiátricos ainda tratam sua identidade como doença e você só vai ter acesso a

direitos básicos, como ter documentos devidos, se for diagnosticado com disforia de gênero (veja mais em nosso Glossário) e iniciar um tratamento. Educação, moradia, emprego e acesso a saúde não são garantidos, o que aumenta a vulnerabilidade social do grupo. Some isso a um ódio escancarado por pessoas trans* e um risco iminente de violência e fica mais fácil de entender porque essa população tem uma expectativa de vida de apenas 35 anos no país, menos da metade da média nacional de 75 anos. A mudança não pode esperar.

A discriminação e a violência contra essa população são generalizadas e a luta é árdua por direitos básicos como a identidade, a cidadania e a vida digna e livre de violência. Entre as principais reivindicações da população trans, segundo Bernardo Mota, coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), estão:

- **Correção do nome civil**, adequando ao nome social (sem necessidade de cirurgia ou laudos médicos) e respeito ao nome social. Isto é, poder usar o nome de acordo com o gênero que cada pessoa se identifica, o que atualmente só é possível após o diagnóstico de disforia de gênero ou com batalhas judiciais.
- **Despatologização da identidade trans*** pelos manuais de psiquiatria e acesso à saúde especializada sem estigmas. Atualmente o Código Internacional de Doenças (CID 10) ainda trata a transexualidade como patologia, mas o 5º Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM V) já a excluiu da lista. De qualquer modo, a disforia de gênero ainda é tida como uma doença e muitas vezes é o único caminho possível para o acesso a alguns direitos.
- **Direito à identidade** (vinculado ao nome social e visibilidade), cidadania e respeito.
- **Poder usar os banheiros de acordo com seu gênero.** Quando pessoas trans* são obrigadas a usarem banheiros de outro gênero frequentemente são alvo de violência, como agressões e estupros “corretivos”, sem contar o constrangimento, humilhação e completo desrespeito de uma identidade.
- **Fim da matança da população trans*.** O Brasil é líder de assassinatos de trans* no mundo todo, concentrando quase 40% de todos os homicídios globais.

5 A POPULAÇÃO TRANS* É, ANTES DE TUDO, UMA SOBREVIVENTE

Nome social e Identidade

Quando falar com a população trans* ou sobre ela, respeite sempre o nome escolhido por cada pessoa e use o pronome educado ao gênero. Embora exista o termo “nome social” para falar de um nome que ainda não consta nos documentos, muitas mulheres trans* acreditam que ele mais estigmatiza do que ajuda, então tome cuidado ao usar o termo. O importante é saber que, para essa população, nome é o que eles declaram, e não necessariamente o que consta nos documentos.

É essencial visibilizar de maneira correta uma população já muito invisibilizada por apenas existir. Homens trans não são lésbicas masculinizadas - e inclusive têm suas demandas específicas, como o combate ao “estupro corretivo”, a necessidade de acompanhamento ginecológico, mais pesquisas sobre a cirurgia de redesignação sexual e a disponibilização da cirurgia de mastectomia (retirada de mamas) pelo SUS. Mulheres trans e travestis (que são AS travestis, no feminino) não são sinônimo de prostituição: são sujeitos de direito, são mulheres.

Se a uma população inteira é negado o direito à identidade (com a mudança do nome civil, por exemplo), várias portas são fechadas em decorrência disso. Permanecer nas instituições de ensino é um dos grandes desafios enfrentados, seja porque seus nomes não são respeitados, seja por causa da transfobia institucional. Isto é, uma estrutura inteira não acolhe as pessoas trans* e suas necessidades, excluindo-as e desrespeitando-as das mais diversas formas, das micro agressões até a convivência com a violência explícita. Em decorrência disso, também faltam oportunidades no mercado de trabalho. Embora muitas trans* estejam marginalizadas, há muitos e muitas profissionais qualificados, mas que não conseguem vagas por viverem em uma sociedade transfóbica.

Marginalizada em muitos níveis, a população trans* é fortemente estigmatizada também pela imprensa, dificilmente sendo retratada em matérias não relacionadas a direitos e cidadania trans* ou em casos de polícia. Não reforce isso! Elas são pessoas, têm nome, sobrenome e profissão. Inclua pessoas trans em pautas que fujam desses temas.

5 A POPULAÇÃO TRANS* É, ANTES DE TUDO, UMA SOBREVIVENTE

Casa do BBB11 vai ter até **traveco** do Rio

[HTTPS://SOMOSANDANDO.FILES.WORDPRESS.COM/2011/01/06012011.JPG](https://somosandando.files.wordpress.com/2011/01/06012011.jpg)

Traveco mata a amiga com caco de espelho

[HTTPS://SOMOSANDANDO.FILES.WORDPRESS.COM/2011/01/10012011.JPG](https://somosandando.files.wordpress.com/2011/01/10012011.jpg)

Errado! Nunca use o termo “traveco”, que é pejorativo e desumanizador. Também não trate as trans* como excêntricas, elas não são. Há ainda um outro ponto: é necessário dizer que a autora do crime é travesti? Isso é relevante para a matéria? Infelizmente, a população trans* passa a ser visível na editoria policial, em mais uma tentativa de perpetuar estereótipos de toda uma população. Quando um LGBT* comete um crime, reflita: é preciso mencionar a identidade LGBT*? Isso tem relação com o crime?

A invisibilidade dos homens trans na bandeira colorida

[HTTPS://WWW.CARTACAPITAL.COM.BR/SOCIEDADE/A-INVISIBILIDADE-DOS-HOMENS-TRANS-NA-BANDEIRA-COLORIDA-1921.HTML](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-invisibilidade-dos-homens-trans-na-bandeira-colorida-1921.html)

Na mosca! Essa matéria visibiliza uma identidades em geral apagada. Homens trans existem e devem ser representados e reconhecidos. Lembre-se: falar sobre esses grupos é reconhecer sua existência.



REPRODUÇÃO

Atenção! A capa é muito boa e inclusiva, mas note como a população LGBT* é em geral reduzida aos termos “gays” e “diversidade”. Eles são importantes, mas sempre que possível nomeie as múltiplas identidades: lésbicas, travestis, bissexuais, etc.

5 A POPULAÇÃO TRANS* É, ANTES DE TUDO, UMA SOBREVIVENTE

Travesti conta como é a vida nas ruas em SP

[HTTP://NOTICIAS.BAND.UOL.COM.BR/BRASILURGENTE/VIDEOS/14995636/TRAVESTI-COMO-E-A-VIDA-NAS-RUAS-EM-SP.HTML](http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/14995636/travesti-conta-como-e-a-vida-nas-ruas-em-sp.html)

Errado! Esta matéria é desrespeitosa em diversos aspectos, e já no título usa travesti como sinônimo de prostituta. Prostituta é profissão, travesti é identidade, coisas completamente diferentes. Se a entrevistada é uma mulher cissexual, alguém usa a identidade de gênero como profissão? Então por que a lógica não se aplica à população trans*? Porque “Luana, travesti” é aceitável? Não é.

Quando for importante falar a identidade de gênero (cis ou trans*) de uma pessoa, evidenciá-la após o gênero com o qual a pessoa se identifica. Exemplos: Lea T é uma mulher transexual, Reynaldo Gianechinni é um homem cissexual.



REPRODUÇÃO

Acerto: Nesse caso, a identificação condiz com o teor da matéria - sobre a agressão sofrida por essa travesti. Note que o nome é respeitado, assim como sua posição na história. Por ter sofrido violência transfóbica, era importante notar que Taísa é travesti, mas isso não é a forma de identificá-la. Respeite o nome de pessoas trans* e use o pronome correspondente (o/a) independente do que consta no documento. Na dúvida de como falar de/como uma pessoa trans* ou não binária, pergunte a ela.

Um pastel de afetos pra Natalha, trans agredida na Rodoviária de todxs

[HTTP://WWW.METROPOLES.COM/COLUNAS-BLOGS/TIPO-ASSIM/UM-PASTEL-DE-AFETOS-PRA-NATALHA-TRANS-AGREDIDA-NA-RODOVIARIA-DE-TODXS](http://www.metrosoles.com/colunas-blogs/tipo-assim/um-pastel-de-afetos-para-natalha-trans-agredida-na-rodoviaria-de-todxs)

Um bom exemplo: respeito ao nome, identificação da identidade trans por ser relevante para o assunto, uso do termo “todxs”, marcando pluralidade, inclusão e indistinção. Tratamento respeitoso com a personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população LGBT* morre por existir. Falamos aqui de lutas que afetam diretamente as vidas de milhões de pessoas no país e que, portanto, precisamos trazer esses temas, mais do que nunca, para a comunicação brasileira. É essencial ter em mente que lésbicas, gays, bissexuais e trans* são dignos de respeito e merecem ser tratados como os cidadãos.

Tente a todo custo inserir fontes LGBT* em matérias dos mais diversos assuntos. E se houver alguma dúvida, sejam em assunto LGBT* ou não, o caminho mais seguro é perguntar a essas pessoas como gostariam de ser tratadas, que termos usar, etc. Os LGBT* é que saberão indicar um tratamento humanizado. Você não é obrigad@ a nascer sabendo, mas é responsável por fazer seus entrevistados serem respeitados e acolhidos nas matérias.

Caso deseje se aprofundar no assunto, deixamos aqui alguns bons materiais de consulta:

- [Dossiê Violência contra as Mulheres](#)
- [Dossiê Pagu Femicídio](#)
- [Transfeminismo](#)
- [Grupo Gay da Bahia](#)
- [Entreviste uma mulher](#)
- [Entreviste um negro](#)

Glossário dos principais termos

ASSEXUAL: Pessoa que não nutre desejo sexual e, em alguns casos, nem vontade de se relacionar romanticamente com ninguém.

BIFOBIA: Preconceito e discriminação direcionado a pessoas bissexuais por conta de sua orientação.

BISSEXUAL: Pessoa que se atrai tanto por pessoas do mesmo gênero quanto do gênero diferente ao seu.

CISSEXUAL: Pessoa que se identifica com o mesmo gênero designado a ela/ele ao nascer.

DISFORIA DE GÊNERO: Nome “oficial” da transexualidade, de acordo com a psiquiatria. O Código Internacional de Doenças (CID 10) ainda trata a transexualidade como patologia, mas o 5º Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM V) já a excluiu da lista.

GÊNERO: Conceito criado no século XX. Estas são algumas interpretações importantes sobre gênero, mas não são as únicas: “Gênero é um elemento

constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (Joan Scott em “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”)

“Gênero é uma representação - o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas” (...). “O sistema de sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais”. (Teresa de Lauretis em “A tecnologia do gênero”)

GAY: Termo usado para designar um homem (cis ou trans*) que se atrai por outro homem.

GLS: Sigla para “gays, lésbicas e simpatizantes”. Não é mais utilizada e foi substituída por LGBT*.

HETEROSSEXUAL: Pessoa (cis ou trans) que se atrai pelo gênero oposto.

HOMOFOBIA: Embora seja utilizado como sinônimo de violência e preconceito direcionado a qualquer LGBT, refere-se aos homens homossexuais. A violência homofóbica não é qualquer violência que aflige um homossexual, mas sim aquela que se deu por conta da identidade homossexual.

HOMOSSEXUAL: Homem (cis ou trans*) que se atrai por homens (cis ou trans*).
Identidade de gênero: Gênero com o qual a pessoa se identifica, que pode ou não ser o mesmo designado no nascimento. Quando é o mesmo, a pessoa é cissexual; quando é diferente, a pessoa é transexual. Não tem relação com a orientação sexual.

INTERSEXUAL: Pessoa que

possui aparatos biológicos que não cabem nas classificações de gênero, o antigo “hermafrodita”. Há várias possibilidades diferentes de intersexualidade.

LÉSBICA: Mulher (cis ou trans*) que se atrai por mulheres (cis ou trans*).

LESBOFOBIA: Violência e preconceito direcionado especificamente às lésbicas por conta de sua sexualidade. Exemplo: estupro corretivo.

LGBT*: Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Os “T” da sigla têm sido abarcados pela denominação guarda-chuva “trans*”.

LGBTQIA: Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans*, Queer, Intersexuais e Assexuais. Mais utilizada no exterior, ainda é pouco comum no Brasil.

ORIENTAÇÃO SEXUAL: Delimita por qual(is) gênero(s) a pessoa se atrai, independente de sua identidade de gênero. As orientações sexuais incluem assexualidade, heterossexualidade, bissexualida-

de, homossexualidade, pansexualidade, entre outras.

QUEER: Palavra utilizada principalmente no exterior para denominar uma pessoa fora do espectro da heterossexualidade. Deriva da teoria queer, que tem como uma de suas principais pensadoras a filósofa Judith Butler.

SEXO BIOLÓGICO: Aparato biológico que, de acordo com nossa sociedade, delimita nosso gênero ao nascer. Exemplo: se há vagina, ovários e útero o corpo é classificado como de mulher, se há pênis e testículos como homem. O sexo biológico designado nem sempre é correspondente à identidade de gênero da pessoa.

TRANS*: Termo guarda-chuva para travestis, transexuais e transgêneros.

TRANSEXUAL: Pessoa cuja identidade de gênero é diferente daquela que lhe foi designada ao nascer. A transsexualidade ainda é considerada doença de acordo com alguns guias psiquiátricos.

TRANSFOBIA: Violência e discriminação que atingem especificamente as pessoas trans* por conta de sua condição trans*.

TRAVESTI: Não há uma definição única e exata para o conceito de travesti, antes delimitado por pessoas que performavam um gênero diferente do designado ao nascer, mas que não faziam intervenções cirúrgicas que caracterizam oficialmente a transexualidade. Essa é uma identidade típica da América Latina e o movimento reivindica o tratamento no feminino (AS travestis), mas a diferença é política.



thinkolga.com